

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

CAROLINE DANIELE MATEUS

**CRIATIVIDADE, ESTÉTICA E APRENDIZAGEM NA
ABORDAGEM DE REGGIO EMILIA**

JUIZ DE FORA
2023

CAROLINE DANIELE MATEUS

**CRIATIVIDADE, ESTÉTICA E APRENDIZAGEM NA
ABORDAGEM DE REGGIO EMILIA**

Monografia submetida à Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, elaborada sob a orientação da Profa. Dra. Olga Maria Botelho Egas.

JUIZ DE FORA

2023

CAROLINE DANIELE MATEUS

**CRIATIVIDADE, ESTÉTICA E APRENDIZAGEM NA ABORDAGEM DE REGGIO
EMILIA**

Monografia submetida à Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, elaborada sob a orientação da Profa. Dra. Olga Maria Botelho Egas.

Juiz de Fora, 11 de julho de 2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Olga Maria Botelho Egas (orientadora)

Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes
(Avaliador)

AGRADECIMENTOS

Ao que não posso ver, mas sinto fortemente: o Divino que me abraça, a espiritualidade que me protege e a minha ancestralidade que me cuida e orienta. Sem a força espiritual, todo meu esforço seria em vão!

Agradeço à professora Olga Egas, que aceitou me orientar neste trabalho. Obrigada pelo carinho, dedicação, companheirismo e paciência.

À todas as professoras e professores do curso de Pedagogia que contribuíram para que meus conhecimentos se alargassem. Em especial, ao professor Jader Janer, por aceitar compor banca avaliadora.

De todo meu coração, agradeço aos meus pais: minha mãe, Rosângela, por segurar firme a minha mão e me impulsionar a voar, e meu pai, Custódio, que povoou minha vida com a sua chegada. Essa conquista é, também, por vocês!

À minha avó, Dalva, pelas trocas de conhecimento que sempre me apontaram o caminho e me mostraram quem eu sou.

Às minhas irmãs: Carla, que fez brotar em mim o desejo pelo ensino; Camila, que sempre valorizou o meu saber; e Carine, que é quem sabe tanto de mim. Eu sou porque nós somos!

À minha tia, Renata, que sempre cuidou de mim com muita dedicação. Suas orações me cobrem; e a todos os meus familiares que, mesmo de forma indireta, lutaram para me proporcionar uma educação de qualidade.

À minha amiga Milena, que compartilhou a caminhada da graduação comigo. Essa trajetória foi mais bonita com você. Todas as palavras de força que já me disse ecoam em mim, sempre.

A todos os amigos e amigas que conheci antes e durante esse processo. Não farei menção nominal aqui, mas saibam que, ao fechar meus olhos, lembro de cada um de vocês.

A todos da escola Bright que me abrigam, agradeço por habitar a escola com vocês e por acolherem todas as minhas curiosidades. Em especial a Cleide, que fez a passagem antes desse feito, mas, quando presente em corpo, contribuiu e forneceu material para o meu engajamento nesse estudo.

A todos vocês o meu carinho e admiração.

É bom reconhecer que não estou só!

De que modo, os processos de aprendizagens e de ensino seriam modificados, se a cultura escolar acolhesse as linguagens poéticas e a dimensão estética como elementos significativos da construção do conhecimento.
(VECCHI, 2017, p.43)

RESUMO

O presente trabalho está inserido no campo da educação e tem como objeto de estudo a abordagem pedagógica italiana denominada *Reggio Emilia*. O objetivo desta pesquisa é aprofundar e ampliar a compreensão do valor do ambiente na criação de estímulos à criatividade e assim na construção da experiência estética na aprendizagem. O referencial teórico no qual este trabalho será baseado é constituído, (i) no que diz respeito a visão de criatividade, por Loris Malaguzzi e Vigotski, e (ii) no que tange ao valor dado ao espaço e a dimensão estética, por Yi-Fu Tuan e Veia Vecchi. Espera-se, então, com este estudo, contribuir para a reflexão sobre a qualidade do espaço-ambiente das escolas, já que, as práticas pedagógicas, em geral, não levam em consideração a dimensão estética na construção da aprendizagem.

Palavras-chave: Criatividade; Estética; Aprendizagem; Reggio Emilia.

ABSTRACT

The present work is part of the field of education and has as object of study the Italian pedagogical approach *Reggio Emilia*. The objective of this research is to deepen and broaden the understanding of the value of the environment in creating stimuli for creativity and thus in the construction of the aesthetic experience in learning. The theoretical references on which this work will be based are constituted, (i) with regard to the vision of creativity, by Loris Malaguzzi and Vigotski, and (ii) regarding questions related to the value given to space and the aesthetic dimension, by Yi-Fu Tuan and Veia Vecchi. Therefore, this study is expected to contribute to reflection on the quality of the space-environment of schools, since pedagogical practices, in general, do not take into account the aesthetic dimension in the construction of learning.

Keywords: Creativity; Aesthetics; Learning; Reggio Emilia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO	12
2 ESPAÇOS ONDE HABITAM SENTIMENTOS	14
3 CRIATIVIDADE	16
4 DIMENSÃO ESTÉTICA E APRENDIZAGEM	19
5 A QUALIDADE DO ESPAÇO-AMBIENTE NAS ESCOLAS DE REGGIO EMILIA	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

LISTA DE FIGURAS

Figuras 1 e 2 – Salas de aula de uma escola de Reggio Emilia.....	24
Figuras 3 e 4 - Espaços e contextos de aprendizado	25
Figuras 5 e 6- Sala de aula durante os projetos realizados por crianças.....	26

INTRODUÇÃO

De que modo, os processos de aprendizagens e de ensino seriam modificados, se a cultura escolar acolhesse as linguagens poéticas e a dimensão estética como elementos significativos da construção do conhecimento. (VECCHI, 2017, p.43)

A epígrafe citada faz parte do livro *Arte e criatividade em Reggio Emilia: Explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância*, da atelierista Veia Vecchi, e motivou a proposta desta monografia. Porém, antes de apresentar a pesquisa em si, gostaria de contar a minha trajetória acadêmica, e como ela culminou nesse tema.

Durante toda a vida escolar, estudei em escolas que seguiam a tendência da pedagogia tradicional como dominante, com abordagens onde o professor era o detentor do conhecimento e sua função era passar um tipo de inteligência para os alunos. O conteúdo ensinado era pré-estabelecido e não sofria nenhum tipo de mudança, os alunos não possuíam abertura para pensar a educação junto ao corpo docente. O ambiente escolar, igualmente, seguia a lógica tradicional, com grades e muros altos – que limitavam a visão dos alunos de outros espaços além daquele –, além disso, os estudantes eram dispostos em fileiras dentro das salas de aula, a circulação no interior da escola era limitada e a exploração dos ambientes eram destinadas apenas para ocasiões específicas. Enfim, acredito que a minha realidade escolar não foi muito diferente da grande maioria de brasileiros, sobretudo os que fazem parte da camada social mais pobre.

Esse modelo de educação contribuiu em muito no que sou hoje, e também gerou muitas feridas. Estar inserida em uma escola que reforça o controle, que cria e recria um único modo de vida me gerou medo. Medo de “pensar diferente”, de expressar minhas ideias e conhecimentos, de me expandir e de me assumir como uma mulher criativa. Hoje, enfrento tais medos com consciência do que os causaram, mas nem sempre foi assim.

A primeira vez que tive contato com outras formas de pensar a educação, foi dentro do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) que encontrei pela primeira vez as carteiras não dispostas em fileiras, e vi a docente construir junto aos alunos a maneira de avaliação da disciplina. Também de forma

inédita, tive contato com pensadores da área da educação, como Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão.

Entender que o ensino poderia ser pensado de outras maneiras, não somente do modo imposto a mim quando criança, fez surgir um sentimento de revolta e garra para mudança, e assim, fiz um novo vestibular para ingressar em Pedagogia, onde pude ampliar meu olhar e me sentir mais confortável.

No decorrer da graduação em pedagogia, tive contato com muitas abordagens, metodologias e concepções de ensino. Contudo, ao me deparar com a abordagem de Reggio Emilia e as ideias de Loris Malaguzzi, o desejo de me aprofundar mais nesses estudos foi aguçado. Fui conquistada pelas reflexões acerca da importância das cem linguagens e da cultura do ateliê nos processos de aprendizagem de crianças nas escolas de educação infantil. Algumas hipóteses acerca da experiência estética na educação, a criação de estímulos, a arquitetura e o espaço como educador foram geradas e, é a partir dessas hipóteses, que esse trabalho pretende se desenvolver.

Creio que as escolas, em geral, não levam em conta a dimensão estética na aprendizagem, e quando falamos de experiência estética no âmbito escolar, essa é associada ao ensino de Artes. Contudo, esse trabalho compartilha da ideia da estética como ativadora de aprendizagem.

Se a estética favorece a sensibilidade e a capacidade de conectar coisas até muito distantes entre si e a aprendizagem acontece por meio de uma nova conexão entre elementos diversos, então, a estética pode ser considerada como uma importante ativadora de aprendizagem. (VECCHI, 2017, p.32)

Escolhi esse tema porque é algo que faz parte da minha história. Para além de uma exigência para reivindicar o meu diploma, quero que este trabalho me atravessasse, me faça sentir, e produza um senso de maravilhamento em mim e nos futuros leitores desta pesquisa. Desejo que seja uma análise da minha história escolar, mas também esteja disponível para discussão, análise e o pensar a escola para além da banca avaliadora.

1 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Reggio Emilia é uma cidade situada ao norte da Itália, e ficou conhecida, principalmente, pela qualidade na educação da primeira infância. Esse sistema de ensino criou um conjunto inovador e singular de suposições filosóficas, currículo e pedagogia, com método de organização escolar e desenho de ambientes que chamamos de abordagem de Reggio Emilia.

Essa abordagem teve início em 1946, logo após a Segunda Guerra Mundial. Os trabalhadores e comerciantes que habitavam a Vila Cella – em sua maioria mulheres que perderam tudo –, uniram-se aos novos moradores que lá se estabeleceram a fim de reconstruir suas vidas. Assim, o cuidado e a educação das crianças se tornaram o foco daqueles moradores porque, foi percebido a importância da educação como ferramenta para reconstruir a comunidade e construir um futuro melhor. Por um curto período após a guerra, as pessoas tomaram muitas iniciativas com suas próprias mãos, e foi quando surgiu a tentativa espontânea de construir uma escola coordenada pelos pais.

Em oito meses com a venda de um tanque de guerra, seis cavalos e três caminhões deixados pelos alemães, a escola foi erguida. Esse movimento inicial envolveu toda a comunidade, mas especialmente mulheres, pois nasceu do desejo e de uma necessidade de reconstrução.

Trata-se de uma pedagogia, construída na cotidianidade de muitas mulheres, cuidada por mentes e mãos, em especial femininas, que souberam, por meio de uma deficiência, construir uma educação na qual são praticadas alguns valores importantes. (VECCHI, 2017, p.94)

Então, desde sua origem, Reggio Emilia é uma escola diferenciada, enraizada na vontade das famílias de construir um mundo melhor por meio da educação.

Atraído pelo projeto educativo que já estava sendo pensado pelos moradores, o jovem professor, Loris Malaguzzi, seguiu para Villa Cella e se encantou com tal experiência. Ele se envolveu no movimento de pais para criar uma nova abordagem para a educação de primeira infância, baseada nas ideias de educação progressiva e no respeito pela individualidade da criança.

Em 1963, Malaguzzi fundou a primeira escola municipal dirigida para crianças pequenas, em colaboração com pais e outros educadores, sendo esse um grande marco para a sociedade que estava se renovando.

Pela primeira vez na Itália, as pessoas afirmavam o direito de estabelecer uma escola secular para crianças pequenas: uma ruptura correta e necessária como o monopólio que a Igreja Católica havia, até então, exercido sobre a educação nos primeiros anos de vida das crianças. (MALAGUZZI, 2016, p.59)

Além disso, a abordagem de Reggio Emilia foi influenciada pelo pensamento de educadores e psicólogos como Jean Piaget e Lev Vigotski, que defendem uma abordagem construtivista da educação, na qual a criança é vista como um agente ativo na construção do seu próprio conhecimento.

A abordagem pedagógica de Malaguzzi e seus colegas se desenvolveu ao longo das décadas de 1950 e 1960, e foi iniciada em creches e escolas infantis na cidade de Reggio Emilia. Hoje, é reconhecida como uma das abordagens educacionais mais inovadoras e influentes do mundo e aclamada por sua visão de criatividade, no valor estético, na participação ativa das crianças na aprendizagem e na colaboração entre pais, professores e comunidade.

2 ESPAÇOS ONDE HABITAM SENTIMENTOS

O olhar do ser humano sobre seu ambiente traduz suas experiências e memórias. Essa profunda conexão afetiva entre a pessoa e os lugares pode ser chamada de topofilia. Segundo Yi -Fu Tuan (1974), esse termo refere-se ao elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Os elos são um conceito que enfatiza como os ambientes podem evocar sentimentos e emoções em indivíduos, e como os espaços físicos podem se tornar portadores de significado para as pessoas, uma vez que essas sensações são importantes instrumentos de descoberta.

A topofilia é, portanto, uma forma de amor ou atração por um lugar específico. É uma resposta emocional que pode ser desencadeada por características físicas, como a paisagem natural ou a arquitetura, ou por fatores culturais, como a história e as tradições associadas a um lugar.

O termo foi antes descrito por Gaston Bachelard em *A poética do Espaço* (2008), originalmente publicada em 1957. Nessa obra, a ideia bachelardiana de espaço é grandemente poética e sensível. Numa perspectiva topofílica, os espaços analisados são a casa, o porão, a gaveta e o armário, e revelam uma fenomenologia do ser humano e sua relação com o mundo por meio da poesia que há dentro de cada um e à sua volta.

Como dito, esse vocábulo considera muito da subjetividade humana. A sensibilidade viva e vibrante está dentro de cada ser humano, entretanto, esta necessita ser impulsionada, e, isso feito, tem o poder de elevar um lugar para tornar-se o portador de eventos emocionalmente ricos ou então, para ser percebido como um símbolo.

Os lugares com o qual nos sentimos emocionalmente ligados podem inspirar e estimular nosso processo criativo. Uma beleza natural, uma arquitetura interessante, as cores vibrantes ou mesmo a energia de um lugar podem despertar estímulos e gerar novas ideias. Quando nos sentimos emocionalmente seguros e confortáveis em um ambiente, isso pode ajudar a relaxar e abrir portas para pensamentos criativos.

Lugares que estão enraizados em nossas memórias e experiências registradas podem ser associações que são fundamentais para o processo criativo. A conexão emocional com um lugar específico pode evocar lembranças,

sentimentos e ideias relacionadas, fornecendo uma base sólida para a geração de novos pensamentos.

A topofilia pode ter um impacto significativo na criatividade, ao fornecer estímulos, inspiração, estabilidade emocional e uma base de experiências e associações que criam geração de novas ideias. A conexão emocional que temos com um lugar específico pode influenciar positivamente nosso processo criativo.

3 CRIATIVIDADE

Esse processo criativo supramencionado será aqui chamado por Vigotski de *criatividade*. Em seus estudos, o autor fala da criatividade como uma atividade humana destinada a produzir algo novo. No livro *Imaginação e criatividade na infância* (2014), o autor separa a ação de criar em dois tipos básicos.

O primeiro, chamado de reprodutivo ou reprodutor, está relacionado às nossas memórias. Vigotski (2014, p. 1) destaca que a conservação de experiências anteriores vividas facilita futuras repetições: “A minha atividade não cria nada de novo, limitando-se fundamentalmente a repetir com maior ou menor precisão coisa já existente”.

Na segunda tipificação, a atividade cerebral não apenas reproduz e adapta experiências passadas, o ser humano também possui outro tipo básico, o de combinar e criar. Quando imaginamos alguma projeção do futuro ou pensamos em fatos antigos da vida humana, não nos limitamos a acessar memórias de estímulos passados, porque estes não foram vividos por nós. Entretanto, o nosso cérebro tem a capacidade de combinar, reelaborar e criar a partir de experiências passadas.

Se a atividade humana se reduzisse apenas à repetição do passado, então o homem seria voltado somente para o passado e incapaz de se adaptar ao futuro. É justamente a atividade criadora humana que faz do homem um ser que se projeta para o futuro, um ser que cria e modifica o seu presente (VIGOTSKI, 2014, p. 3).

Segundo o autor, a prática da criatividade faz parte de todos os seres humanos, o que vai na contramão do pensamento comum, na qual tal habilidade é vista como privilégio de pessoas seletas, gênios, autores de obras de artes ou de grandes descobertas científicas. Entretanto, a existência da criatividade está presente sempre que o ser humano pensa, combina, altera e cria algo novo, mesmo que possa parecer insignificante quando comparado às realizações dos grandes gênios (VIGOTSKI, 2014, p.5).

Em seus estudos, Vigotski afirma que a interação social desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo e na formação da criatividade. O psicólogo enfatizou a importância da zona de desenvolvimento proximal (ZDP), que é a diferença entre o nível de desenvolvimento atual de uma criança e seu potencial de desenvolvimento com o apoio de outros pares. Através da interação as crianças são

capazes de internalizar conhecimentos e habilidades, expandindo assim seu pensamento criativo.

Vigotski também destacou a importância das ferramentas culturais e dos preservados na promoção da criatividade. Ele argumentou que as crianças aprendem a usar essas ferramentas através de sociabilidade e que elas desempenham um papel essencial no desenvolvimento de suas capacidades criativas. Por exemplo, a linguagem, como uma ferramenta cultural, desempenha um papel central na promoção da criatividade verbal e no desenvolvimento do pensamento simbólico.

Além disso, o autor enfatizou que a criatividade não é apenas uma capacidade individual, mas é moldada e influenciada pelo contexto social e cultural. Ele argumentou que a cultura fornece às crianças um conjunto de significados, símbolos e práticas compartilhadas, que são essenciais para o desenvolvimento da criatividade. Portanto, a interação com o ambiente cultural e social é fundamental para estimular a criatividade nas crianças, permitindo que elas expressem sua individualidade e desenvolvam sua imaginação de maneiras únicas.

3.1 Criatividade na abordagem de Reggio Emilia

A ideia de criatividade de Vigotski influenciou de maneira significativa os pensamentos de Loris Malaguzzi, e, conseqüentemente, a visão de criatividade na abordagem de Reggio Emilia.

Na abordagem reggiana, a criatividade é entendida como pertencente ao ser humano, e, também, um processo dinâmico e interativo, no qual as crianças são incentivadas a explorar, experimentar e criar de forma autônoma. O ambiente educacional é projetado para fornecer múltiplas oportunidades de engajamento criativo, como o uso de materiais diversos, espaços de trabalho flexíveis e valorização do processo de aprendizagem mais do que o produto final.

Segundo Malaguzzi, a criatividade é inerente a todo processo de pensamento e, portanto, é algo que não se ensina, mas é necessário um adulto para consolidá-la. Sendo assim, os educadores têm a tarefa de apoiar a curiosidade das crianças, oferecendo oportunidades de exploração da realidade para que possam construir teorias interpretativas autônomas. (MUSSINI, 2020, p.65 *apud* BERTOLINI, CONTINI, 2012)

Esse modelo de educação também valoriza a colaboração e a interação social como fatores que impulsionam a criatividade. As crianças são encorajadas a trabalhar em grupos, a compartilhar ideias e a colaborar em projetos coletivos. Por meio dessa interação, os estudantes têm a oportunidade de considerar diferentes perspectivas e impulsionar o seu processo criativo.

Na abordagem *reggiana*, a criatividade é vista como um valor e como uma qualidade do pensamento, é apoiada pela pedagogia da escuta e da relação que a caracteriza. (MUSSINI, 2020, p.65 *apud* Rinaldi, 2009)

Há também, na pedagogia *reggiana*, a dimensão estética, a qual se expressa como poderosa ferramenta na construção de criatividade. Nas páginas a seguir procurarei tratar desse tema com maior atenção.

4 DIMENSÃO ESTÉTICA E APRENDIZAGEM

Certamente é difícil definir com simplicidade e clareza o que se entende por dimensão estética. Talvez seja, antes de tudo, uma atitude cotidiana, um processo de empatia que conecta o sujeito com as coisas e as coisas entre si. Com esse propósito, Gregory Basteson (1979) declara: “Como estético entendo uma estrutura que conecta”.

A dimensão estética pressupõe um olhar de maravilhamento, um olhar que descobre, admira e se emociona. É o contrário da indiferença, do desleixo, do conformismo (VECCHI, 2017, p. 28). A estética envolve a sensibilidade da beleza, a sensibilidade aos detalhes, a expressão criativa e a capacidade de fazer conexões.

Se a estética favorece a sensibilidade e a capacidade de conectar as coisas até muito distantes entre si e a aprendizagem acontece por meio de uma nova conexão entre elementos diversos, então, a estética pode ser considerada como uma importante ativadora da aprendizagem. (VECCHI, 2017, p.32).

No âmbito educativo, a dimensão estética merece uma profunda reflexão. A partir da afirmação citada, a atelierista Veia Vecchi (2017) estabelece a primeira conexão básica entre estética e aprendizagem. O processo de aprendizagem não se nutre apenas de informações, mas através de uma relação empática que estimula a criação de conexões.

A sua presença (dimensão estética) consciente nas escolas e na educação faria elevar tanto a qualidade das relações com o contexto quanto a dos processos de aprendizagem. (VECCHI, 2017, p.28)

Entretanto, apesar do grandioso valor da dimensão estética, ela está, em geral, distante do mundo das escolas. As instituições escolares, na maioria dos casos, ainda a consideram supérflua, talvez prazerosa, mas não necessária ou indispensável (VECCHI, 2017, p.33).

É verdade dizer, que em muitas escolas tradicionais, o valor estético é frequentemente atribuído exclusivamente ao campo das artes. Esse pensamento faz parte de uma cultura que subestima a dimensão estética.

Em contrapartida ao senso comum, podemos destacar que no processo de aprendizagem, a dimensão estética tem a capacidade de influenciar em diversos sentidos:

- 1) Suscita emoções e sentimentos que auxiliam na motivação e engajamento. Um ambiente atraente e esteticamente agradável pode criar um clima propício à aprendizagem, tornando-o mais interessante e estimulante.
- 2) A estética está intimamente ligada à expressão criativa. Quando se tem a oportunidade de explorar e experimentar diferentes linguagens de expressão, como arte, música e literatura, pode-se desenvolver a criatividade e encontrar maneiras únicas de transmitir ideias e pensamentos.
- 3) A estética também influencia a interpretação das informações. Uma apresentação atraente pode facilitar a compreensão de conceitos complexos e estimular a curiosidade.

Se tudo isso for só parcialmente verdadeiro, surge uma dúvida: por que as escolas ainda não acolheram a dimensão estética como ferramenta de aprendizagem e bem-estar?

Talvez a resposta a essa pergunta seja porque a educação tradicional é baseada em paradigmas fixos e estruturas rígidas, com poucas dúvidas e incertezas, imutável ao longo do tempo. Esses paradigmas muitas vezes enfatizam a transmissão de conhecimento de forma unidirecional, onde o professor é o detentor do conhecimento e os alunos são receptores passivos. O que vai na contramão do que venho chamando aqui de dimensão estética, nas palavras de Veia Vecchi:

Se nutre de empatia, de relação intensa com as coisas, não categoriza de maneira rígida e pode, portanto, constituir um problema em relação a certezas excessivas e simplificações culturais. (VECCHI, 2017, p.34)

Valorizar a relevância da dimensão estética, e entender que essa atinge não só os produtos finais, mas também o processo da construção de conhecimento é de extrema importância para reconhecê-la como ferramenta que ativa a aprendizagem.

Uma das características originais da pedagogia reggiana é a de ter reconhecido e acolhido a estética como uma das dimensões importantes na vida do ser humano, portanto, também na escola e na aprendizagem.

Não se trata somente do valor e do papel importante atribuído pela pedagogia *reggiana* à estética, mas que é necessário perceber que a procura da beleza pertence, de maneira natural e profunda, à nossa espécie e constitui um componente importante, uma necessidade primária (VECCHI, 2020 p.3 – grifo nosso)

É necessário reconhecer sempre que essa desempenha um papel significativo na vida do ser humano, influenciando nosso bem-estar emocional, nossa capacidade de expressão e comunicação, nossa criatividade e inovação, nossa valorização da diversidade e nossa qualidade de vida. Ela é entendida e vivida como filtro de interpretação do mundo. Valorizar a estética é promover a riqueza e a profundidade que a beleza pode trazer às nossas vidas.

5 A QUALIDADE DO ESPAÇO-AMBIENTE NAS ESCOLAS DE REGGIO EMILIA

As escolas de Reggio revelam uma originalidade no projeto arquitetônico e espacial que são características marcantes e próprias, que serão analisadas nas próximas páginas.

Ainda ao final dos anos 1950, quando Malaguzzi trabalhava como psicopedagogo em um centro médico, ele já apresentava algumas ideias e preocupações sobre o espaço, a fim de torná-lo mais agradável e menos clínico. A preocupação de Malaguzzi em relação a mobília e as cores já se mostravam presentes nesse tempo.

Além disso, é possível perceber que os pensamentos do pedagogo vão na contramão do modelo educacional vigente na Itália do final dos anos de 1950, o que pode ser interpretado como uma crítica ao ambiente das escolas tradicionais do Estado italiano.

A escola tradicional que resiste em seu modelo durante muitos anos é um tipo de instituição incapaz de incorporar, em sua identidade, a investigação, por meio de um longo e reto corredor, as janelas altas para evitar distrações e com a mobília imobilizadora. Uma escola pouco criativa que se repete, atemporalmente e fora das conjunturas históricas, em diversos lugares com o afã de controle universal. (HOYUELOS, 2020, p. 80)

Malaguzzi considerava que as estruturas educacionais tradicionais não estavam atendendo às necessidades das crianças. Eram escolas que nasciam velhas em construções novas. Segundo Loris, isso se dava pelo fato da arquitetura, assim como a pedagogia, não serem neutras, mas sim, um reflexo de uma ideia política. (HOYUELOS, 2020, p.81)

Em vez disso, Malaguzzi propunha uma escola com o ambiente mais agradável. O pedagogo destacava a necessidade de flexibilidade e adaptabilidade. Ele enfatizou a importância de um espaço que pudesse ser transformado de acordo com os interesses e necessidades das crianças, permitindo que elas fossem protagonistas ativas de sua própria aprendizagem.

Os ambientes de aprendizagem das escolas reggianas mantêm esses pensamentos iniciais de Loris Malaguzzi, os ambientes são entendidos como uma escolha consciente de espaços, formas, relações, cores, vazios e cheios, mobília e decoração (HOYUELOS, 2020, p.73). Esses são cuidadosamente projetados para inspirar a imaginação, a criatividade e proporcionar o prazer.

Os ambientes das escolas de Reggio Emilia são caracterizados por serem espaços abertos e flexíveis, onde a luz natural é valorizada. Eles são projetados para encorajar a exploração, a descoberta e a expressão criativa das crianças. A atenção ao detalhe é muito perceptível. Os ambientes são cuidadosamente planejados, organizados e cuidados para criar uma atmosfera acolhedora, agradável e saudável.

O habitar um lugar belo e bem cuidado é percebido como condição de bem estar físico e psicológico, por isso, um direito das pessoas em geral e, ainda mais, das crianças, de todas as crianças. (VECCHI, 2017, p.134)

Os espaços são organizados de forma a estimular a interação entre as crianças e as diferentes formas de expressão artística. Materiais e recursos são fornecidos para incentivar as crianças a explorar e experimentar por meio de diversas atividades artísticas. Também são percebidos ambientes de tranquilidade e descanso. Dentro dessa perspectiva, Veia Vecchi comenta como foi o projeto para aumentar as salas da Escola Diana. As classes iriam conter:

[...] três espaços: um capaz de conter todas as crianças, que é a sala de aula; um segundo pequeno espaço, o mini ateliê, que contém muitos materiais para diferentes técnicas, separado acusticamente, mas não visualmente, da classe, para poder trabalhar tranquilamente em grupo; e um terceiro espaço para outras atividades em grupo, sempre pequeno, mas com tantas outras possibilidades de isolamento acústico e visual. (VECCHI, 2017, p.140)

A estética também é valorizada como um meio de comunicação e reflexão. As crianças são encorajadas a representar suas ideias e pensamentos visualmente, usando uma variedade de mídias. Essas representações visuais são vistas como ferramentas poderosas para o diálogo e a reflexão, permitindo que as crianças se expressem. Por esse motivo, as paredes dos ambientes são decoradas com fotografias, desenhos, anotações e outros registros das atividades e projetos das crianças. Isso ajuda a tornar o aprendizado visível e a envolver os pequenos em reflexões sobre suas próprias experiências.

Além disso, a abordagem pedagógica de Reggio Emilia valoriza a colaboração entre as crianças, os educadores e a comunidade. Projetos de longo prazo são administrados com base nos interesses e nas perguntas das crianças, e a estética representa um papel importante na apresentação e documentos desses projetos.

Exposições, murais, fotografias e outros meios visuais são frequentes para compartilhar e celebrar o trabalho das crianças, criando um sentimento de orgulho e pertencimento.

Abaixo, deixo algumas imagens de escolas da cidade de Reggio Emilia onde o projeto arquitetônico, o valor estético e algumas características podem ser percebidas. As imagens foram extraídas de um vídeo gravado pela equipe de reportagem da UNIVESP (Universidade Virtual do Estado de São Paulo) em visita à cidade de Reggio Emilia.

Figuras 1 e 2 - Salas de aula de uma escola de Reggio Emilia



Fonte: Canal UNIVESP, YouTube, 2013.

Figuras 3 e 4 - Espaços e contextos de aprendizado



Fonte: Canal da UNIVESP, YouTube, 2013.

Figuras 5 e 6 - Sala de aula durante os projetos realizados por crianças



Fonte: Canal da UNIVESP, YouTube, 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como aponta esse estudo, a estética exerce um papel essencial na aprendizagem, proporcionando um ambiente estimulante, promovendo a expressão criativa, percepção e interpretação, desenvolvendo o pensamento crítico e facilitando a colaboração e a comunicação. Ao integrar a estética em práticas educacionais, é possível enriquecer a experiência de aprendizagem dos alunos e promover um maior envolvimento e compreensão.

Embora em muitas escolas tradicionais o valor estético seja frequentemente associado apenas às artes, na pedagogia de Reggio Emilia, ela é considerada uma dimensão presente em todas as áreas do conhecimento, proporcionando uma abordagem mais ampla e integrada para o desenvolvimento das crianças.

As ideias de respeito e prazer estético estiveram presentes nos pensamentos de Loris Malaguzzi. O pedagogo acreditava que um ambiente acolhedor, esteticamente agradável e flexível é essencial para promover a aprendizagem, a criatividade e o bem estar do indivíduo. Sua abordagem defende a ideia de que o espaço físico é um dos principais recursos educacionais e deve ser cuidadosamente planejado para criar um ambiente propício ao desenvolvimento integral das crianças.

De fato, existem escolas preocupadas com a arquitetura, o ambiente, a dimensão estética e o impulsionamento da criatividade, mas tratam-se de casos isolados que, no Brasil e no mundo, têm uma incidência numericamente limitada na formação do conhecimento.

Por fim, anuncio que o presente estudo reafirma a falta que senti na minha trajetória escolar. A falta de acolhimento e pertencimento a um ambiente. Sinto que não habitei verdadeiramente as escolas que frequentei. Através do levantamento feito sobre criatividade na visão de Vigotski, e a partir das ideias de Malaguzzi, pude perceber que os educadores com quem me deparei durante minha trajetória não estavam preocupados com esses aspectos, talvez por uma lacuna na formação profissional destes. Penso que, se as escolas tivessem levado em consideração a dimensão estética, o meu processo de construção do conhecimento auto estima e maturidade teria sido mais alegre e confortável.

Sou grata por ter me deparado com essa abordagem italiana e por ter adquirido consciência do que gerou meus incômodos em relação à escola. A partir deste estudo, declaro que compartilho das ideias de Loris Malaguzzi em relação ao

espaço-ambiente e me comprometo, a partir da minha prática pedagógica, a dar vida a essa concepção de educação para a sensibilidade. Esses são, para mim, valores que estarão presentes na minha prática, atual e futura.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Penso, 2016.

HOYUELOS, Alfredo. **A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. São Paulo: Phorte, 2020.

MUSSINI, Ilaria. **Quais as conexões entre progettazione e criatividade?**. In: Educar é a busca de sentido. Editora Ateliê Carambola escola de educação infantil, 2020.

REPORTAGEM ESPECIAL - As escolas de educação infantil de Reggio Emilia, Itália. [S. l.: s. n.] 2013, 1 vídeo (27 min). Publicado pelo canal UNIVESP. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4j8mtA_iDss&t=208s . Acesso em: 24 jun. 2023.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1974.

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia: Explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância**. São Paulo: Phorte, 2017.

VIGOTSKI, Lev. **Imaginação e criatividade**. São Paulo: WMF, 2021.